

O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO MATERIAL DIDÁTICO DE LEITURA NO ENSINO DE PORTUGUÊS-LÍNGUA ESTRANGEIRA

Luzia Antonelli Pivetta©

RESUMO®

Este artigo tem como objetivo apresentar o Gênero História em Quadrinhos como uma das possibilidades encontradas na elaboração de materiais didáticos para o ensino de Português-Língua Estrangeira. Mostra através das definições de modelo de leitura, gênero e seqüência textual, as diversas maneiras de trabalhar com esse tipo de gênero.

PALAVRAS- CHAVE: História em Quadrinhos, Leitura, PLE

INTRODUÇÃO

Uma possível definição de História em Quadrinhos apresentada por Cirne (*apud* Mendonça, 2002:195) é a de que "Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual impulsionada por sucessivos cortes, cortes esses que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas". Por sua vez Vanoye (1998) diz que o gênero História em Quadrinhos é veiculado por duas mensagens: uma icônica, que compreende a imagens e a outra lingüística, que compreende o aspecto narrativo (descrição do quadro, da situação, das ações) e o diálogo.

Considera-se, então, o gênero História em Quadrinhos um gênero rico e de fácil difusão. Suas mensagens são rapidamente codificadas e relativamente simples. Partindo deste pressuposto, procuramos adequar algumas HQs ao ensino de leitura em Português- Língua Estrangeira, analisando-as e tentando

mostrar que, através delas, é possível explorar, com originalidade, os recursos da linguagem escrita e integrar essa linguagem numa mensagem específica, oportunizando, assim, a sua fácil compreensão.

1 Mônica em Dia de Visitas

Escolheu-se a história Mônica em Dia de Visitas, retirada da revista Almanaque da Magali nº 37, do ano de 2003, como base para a análise.





Diversos fatores influenciam a leitura de uma história em quadrinhos. Além do texto escrito, as imagens, os ícones permitem complementar o sentido final da mensagem.

Sabemos que existem códigos específicos característicos das HQs como os balões que marcam a incorporação do texto à imagem, os apêndices e os símbolos diversos. Falaremos um pouco sobre esses códigos segundo Vanoye (1998: 185):

- Disposição dos balões: a localização dos balões no espaço do desenho indica a ordem cronológica das falas (de cima para baixo, da esquerda para a direita, do plano posterior para o primeiro plano);

- O contorno dos balões:

* O balão de contorno liso indica a realidade das falas pronunciadas

* O balão de contorno em linhas interrompidas indica falas sussurradas

* O balão de contorno em ziguezague indica mensagem proveniente de um aparelho (rádio, telefone).

- Apêndice:

* Ligado à boca do personagem indica a proveniência das palavras e o ato de falar;

* Constituído por uma série de bolinhas indica o pensamento não expressado;

- Caracteres:

* As palavras, as onomatopéias, os sinais de pontuação (ponto de exclamação, interrogação) podem "flutuar" no quadrinho, fora do balão: transmitem várias informações (ruídos, sentimentos, etc.);

* a espessura do traço das letras tem função expressiva: indica a intensidade da voz;

- Símbolos: alguns deles são rigorosamente codificados (o serrote e a tora de madeira = sono profundo, e a

caveira de pirata sob uma nuvem negra = vontade de matar, ódio), outros são mais variáveis, mas sua significação é sempre clara (uma sequência de sinais garantizados indica palavras de ódio, imprecações que não se podem transcrever).

Observemos algumas das características descritas na história apresentada:

O diálogo decorre normalmente, a disposição dos balões indicam a personagem que fala primeiro e o contorno dos balões apresenta-se liso até haver alguma alteração na fala dos personagens, o que podemos constatar no quadro 10, onde o Anjinho pede silêncio; no quadro 23, em que Mônica grita quando vê, através do monitor, o Cebolinha dando nós nas orelhas do seu coelhinho; no quadro 24, quando um dos anjos monitores pede silêncio; no quadro 28, quando Mônica entra eufórica na sala da Diretoria; no quadro 29, quando o diretor, parecendo zangado, grita com o Anjinho; no quadro 30, quando, assustada, Mônica diz ao Anjinho que é melhor correr; e no quadro seguinte, em que, fora da história, Maurício dá gargalhadas ao ler as cenas escritas pelo roteirista André.

Outra característica observada é a mudança na espessura do traço das letras indicando alteração na intensidade da voz, fato que encontramos nos quadros 23, 24 e 30.

2 Leitura construtivista

Outro fator que nos permite o melhor entendimento das HQs está associado ao modelo de leitura construtivista, abordado por Kato (1987), em que a inferência construtiva será aquela que cria significados a partir de pistas contextuais. Isso torna o leitor menos dependente da informação linear e mais integrador de informações co-ocorrentes, ou seja, a busca pelo significado da

mensagem vai além das palavras, sentenças e parágrafos. O leitor precisa fazer uso da sua experiência e de seu conhecimento de mundo para facilitar a sua leitura. No caso da história apresentada, podemos claramente observar essa inferência, pois só conseguimos definir a sua mensagem através de um conhecimento prévio: nos últimos quadros, quando um dos personagens pergunta ao outro onde ele havia buscado inspiração para escrever aquela história, não há resposta. No quadro seguinte, há uma resposta: crianças. Passamos, então, a compreender todo o significado da história fazendo uso do nosso conhecimento, da nossa experiência, pois sabemos que crianças nunca são bem-vindas em locais de trabalho, porque necessitam de atenção e sempre acabam criando alguma confusão. A história em si nos mostra várias atitudes típicas das crianças que só vão ser observadas quando lemos o final da mesma e utilizamos nosso conhecimento prévio para inferir o seu sentido.

Quanto à leitura, segundo Kato (1985), ela pode ser entendida como um conjunto de habilidades que envolvem estratégias de vários tipos.

Essas habilidades seriam:

a) encontrar parcelas (fatias) significativas do texto, ou seja, existem textos que citam coisas que se tornam irrelevantes, que servem apenas para ilustrar, diante de outras que realmente nos levam a compreensão do mesmo, portanto o leitor tem de saber definir o que é ou não importante na sua leitura.

b) estabelecer relações de sentido e de referência entre certas parcelas do texto. Por exemplo, na história Mônica em Dia de Visitas, só no final da mesma entendemos que crianças não são bem-vindas a locais de trabalho e associamos os quadros anteriores em que as ações da personagem principal – Mônica - condizem com atitudes comuns às crianças, como prometer não fazer bagunça e logo após

fazê-la, ser curiosa demais para obedecer a ordens como fazer silêncio ou não entrar em algum local.

c) estabelecer coerência entre as proposições do texto, isto é, para que se estabeleça coerência entre as proposições do texto é preciso que se analise o contexto em que o mesmo está inserido. Diante dessa observação, podemos dizer que o texto apresentado na HQ é coerente, pois é possível entendê-lo de maneira clara com a ajuda do contexto;

d) inferir o significado e o efeito pretendido pelo autor do texto.

Normalmente o objetivo das HQs é o de divertir o público leitor, porém, se for direcionado com outro propósito, possibilita o desenvolvimento de muitos tipos de atividades de leitura e de produção, por exemplo, criação de diálogo direto e indireto.

Com o uso da história em quadrinhos apresentada, conseguimos atingir o objetivo de desenvolver no aluno as habilidades de inferência, coerência, relação e associação.

3 Gênero e seqüências textuais

Segundo Marcuschi (2003), os gêneros textuais são os textos concretizados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Apesar dos padrões característicos definidos acima, é, também, a função que prevalece para dar nome aos gêneros, ou seja, cada gênero é orientado para um fim específico, tem uma função própria que acaba por defini-lo. Como exemplo podemos citar o gênero Carta do Leitor, que tem como função permitir que o público leitor expresse as suas opiniões; o gênero Publicitário, que tem como função

vender um produto ou uma idéia; o gênero História em Quadrinhos, que tem como função divertir o público leitor, entre vários outros.

A respeito das seqüências textuais, Adam (1987), caracterizou-as como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros, em que os gêneros são entendidos como componentes da interação social; e as seqüências, como esquemas em interação dentro de um gênero. Ele nos apresenta cinco tipos de seqüências textuais: a narrativa, a descritiva, a explicativa, a argumentativa e a dialogal, excluindo a injuntiva e a expositiva por considerá-las parte da descrição.

Diante da definição descrita acima, vemos que cada gênero exige um tipo de seqüência textual, tal exigência faz com que, muitas vezes, o texto apresente em sua superfície mais de uma seqüência, sendo uma dominante e as outras adequadas a ela. É o que podemos observar na história apresentada - Mônica em Dia de Visitas - que é composta por uma seqüência dialogal predominante, diferenciando-se das demais seqüências por serem formas textuais construídas por um único interlocutor, enquanto esta caracteriza -se por apresentar um diálogo formado por dois ou mais personagens, no caso, em primeiro lugar, por Mônica e o Anjinho e, posteriormente, por Maurício e André.

A composição da seqüência dialogal se dá pela emissão de enunciados de um interlocutor e outro, havendo aqui, segundo Adam (1987), dois tipos de seqüências: as fáticas e as transacionais. As fáticas têm função de abrir e fechar a interação: - o aceno do Anjinho e o "Oi" respondido por Mônica, no quadro 01 abrem o diálogo e podemos dizer que a frase: *É melhor a gente correr*, no quadro 30, fecha o diálogo.

As transacionais são as que compõem o corpo da interação, onde está, realmente, a razão do ato comunicativo, tendo como forma mais característica o padrão pergunta / resposta, podendo existir, como complemento, o comentário e o acordo (ou desacordo) com o comentário. Todo o decorrer da conversa entre Mônica e o Anjinho e também o diálogo entre Maurício e André podem ser citados como exemplos.

No decorrer do diálogo encontramos também uma seqüência narrativa, identificada pela presença das características a seguir mencionadas:

- Sucessão de eventos: 1º evento: o Anjinho na terra conta a Mônica sobre o dia cansativo de trabalho que teve, dizendo que tem de voltar para o céu; Mônica pede para acompanhá-lo, o que primeiramente lhe é negado, porém depois de um apelo o pedido é atendido. 2º evento: Anjinho e Mônica partem rumo ao céu com a condição de que ela comporte-se e não faça bagunça. 3º evento: já no céu Anjinho leva Mônica para conhecer vários lugares, começando pela sala onde ficam os candidatos a anjo da guarda, seguindo, a fábrica de roupas para anjos, a biblioteca, a sala dos monitores. 4º evento: nesta sala se dá a primeira complicação, Mônica vê através do monitor o Cebolinha, na terra, dando nós nas orelhas do seu coelhinho - Sansão - e grita perturbando o trabalho dos anjos monitores, sendo assim repreendida. 5º evento: Anjinho já irritado com a confusão que Mônica provocara, segue o passeio mostrando a ela a sala da diretoria, na qual ela entra de supetão, ouve-se, então, um grito repreendendo o Anjinho e Mônica sai correndo, mais uma vez quebrando a sua promessa. 6º evento ou evento final: no quadrinho seguinte vemos Maurício rindo e perguntando ao roteirista André onde havia buscado inspiração para escrever aquela historinha, em resposta seguem-se os quadrinhos finais em que vemos uma professora com um

grupo de crianças que passeiam pela sala dos roteiristas.

- Unidade temática: a ação narrada deverá privilegiar um sujeito agente, mesmo que existam vários personagens, um deverá ser o mais importante. No caso apresentado Mônica é este sujeito agente, pois, é devido a ela que se constituem todos os eventos.

- Predicados transformados: o desenrolar de um fato implica na transformação das características do personagem, o que podemos observar quando no início Mônica promete comportar-se para conseguir ser levada ao céu e estando lá, num segundo momento, esquece do que prometeu e apronta algumas confusões.

Durante a passagem de Mônica pelo céu, encontramos também uma seqüência explicativa, que tem como propósito construir um desenho claro de uma idéia. Protagonizada pelo personagem Anjinho, que fala e explica a Mônica sobre cada lugar por onde passam, começando pela sala dos candidatos a anjo da guarda, tendo como explicação: *"eles passam por um período de treinamento antes de se tornarem anjos"*; na fábrica onde há a pergunta de *quê?* E a explicação: *"de roupas para anjos. Aqui são feitas as asinhas, as auréolas, as harpas! Tudo com o maior cuidado"*; na biblioteca onde há a pergunta implícita o que se faz? E a explicação: *"é onde os anjos fazem pesquisas"*; na sala de monitores onde há a pergunta: *"de moni...o quê?"* E a explicação: *"Tudo o que vocês aprontam lá em baixo é visto aqui pelos anjos guardiões! Tudo é registrado no computador, as boas e más ações e depois fazem um relatório e..."*. E por fim, no último quadrinho onde podemos observar o início de uma seqüência explicativa, quando a professora mostra para as crianças a sala dos roteiristas e explica que são eles que criam as historinhas.

CONCLUSÃO

Diante da análise e das observações feitas a respeito das características das Histórias em Quadrinhos, das seqüências textuais, e da leitura, pode-se concluir que é possível trabalhar com esse gênero no ensino de Português-Língua Estrangeira, pois ele serve de base para o desenvolvimento de atividades como construção de diálogos, de personagens, de discursos diretos e indiretos, possibilitando a interação entre os alunos estrangeiros e o professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean - Michel. **Types de Séquences Textuelles Élémentaires**. Pratiques, Metz, 56:54 – 79, dec. 1987.
- KATO, Mary A. **O Aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita**. São Paulo: Ática, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Minicurso: Gêneros Textuais no Ensino de Língua**. UPF. Jornada de Literatura - Agosto, 2003.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos** In: Gêneros textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 194-207.
- VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

NOTA

- © Acadêmica do 4º semestre do curso de Letras e bolsista FLEX no projeto Curso de Leitura e Português-Língua Estrangeira na UFSM, orientada pela profª doutoranda em Estudos da Linguagem – UFSM, Dioni M. dos Santos.
Pz, orientadora –